

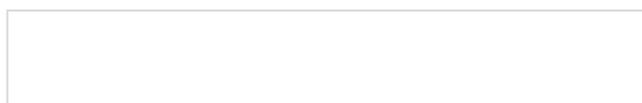
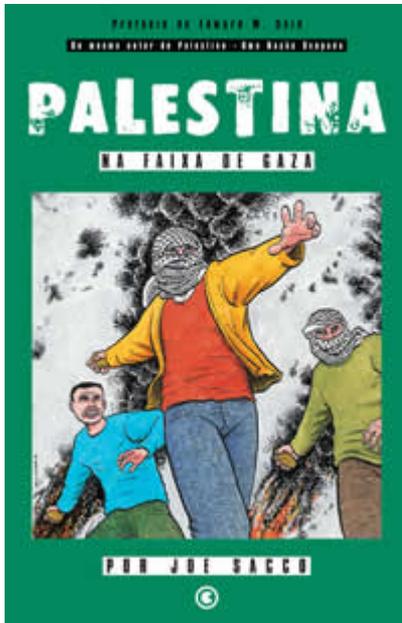
HQ/LIVROS ARTIGO

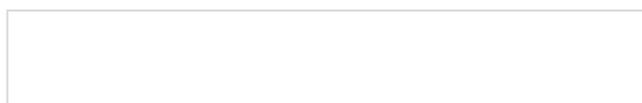
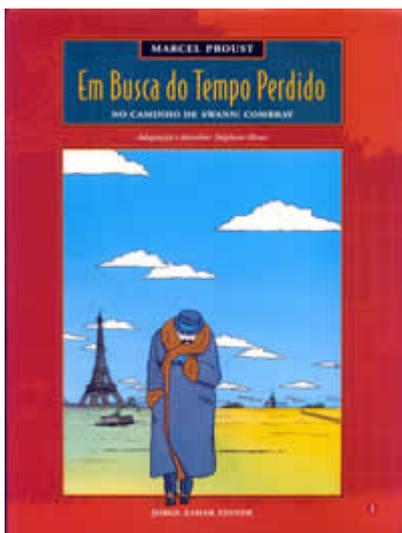
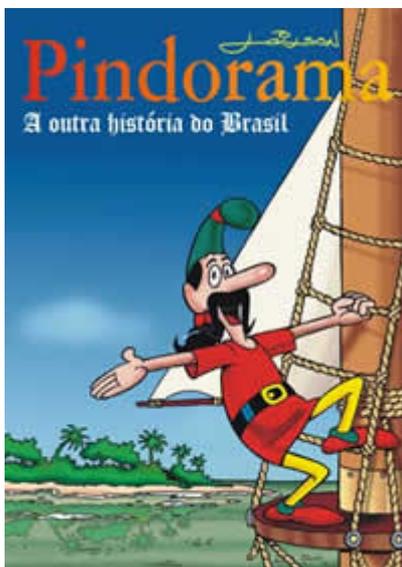
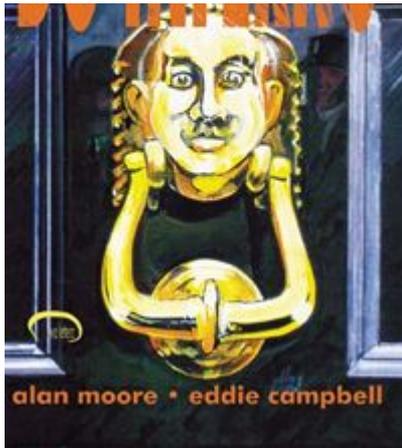
Livrarias: espaço privilegiado para os quadrinhos

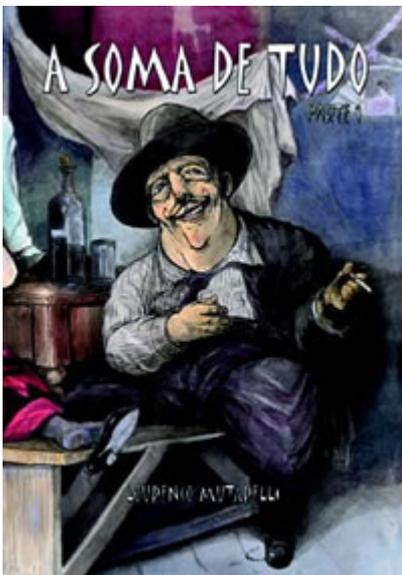
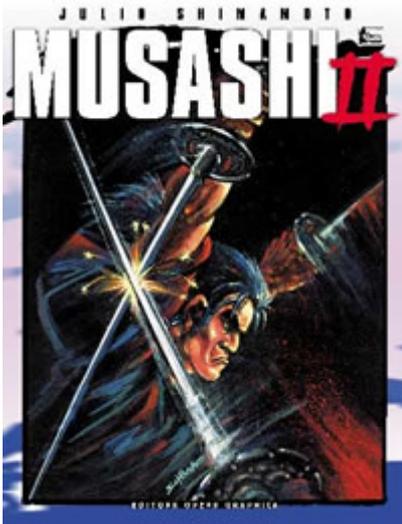
Livrarias: espaço privilegiado para os quadrinhos

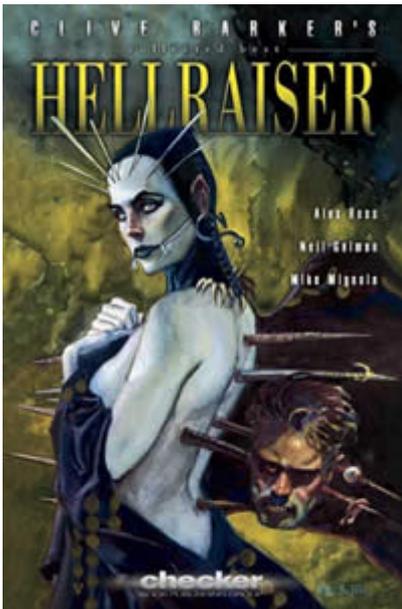


WALDOMIRO VERGUEIRO 27.04.2004 00H00 atualizada em 08.11.2016 às 05h11









Lugar de histórias em quadrinhos é na banca de jornal. Certo? Errado.

Esta afirmação, verdadeira até pouco tempo atrás, parece estar cada vez mais distante da realidade dos fatos, mesmo aqui no Brasil, onde, nas grandes cidades, existe praticamente uma banca em cada esquina, representando um meio de distribuição muito abrangente. Neste sentido, o país é até privilegiado, pois não abandonou esse espaço de distribuição dos quadrinhos: nos Estados Unidos, por exemplo, a grande maioria das bancas possui no máximo um ou dois títulos de *comic books*, o grosso da produção (centenas de títulos) sendo comercializado pelas *comic stores*, lojas especializadas em quadrinhos e produtos correlatos, às quais apenas vão os aficionados por esse meio. Aqui, felizmente, além de jornais e revistas informativas, as bancas continuam vendendo revistas de histórias em quadrinhos, colocando-as, assim, ao alcance de toda e qualquer pessoa e não apenas daqueles que já são leitores e conhecem um local privilegiado onde buscá-las. Sorte nossa.

O fato novo - e provavelmente bastante alvissareiro, também -, é que o mercado de produção e distribuição de quadrinhos está sendo objeto de mudanças, tanto aqui como no exterior. Para se ter uma idéia, qualquer pessoa que, há dois ou três anos, viajasse aos Estados Unidos teria dificuldade para





dezenas de piercings nas mais variadas partes do corpo (nem todos visíveis), muitas vezes com um comportamento bastante intimidador para o turista sul-americano.

Hoje, nesse país, embora as lojas especializadas ainda continuem a representar o maior espaço de comercialização de quadrinhos, estes já podem ser encontrados em outros ambientes comerciais. Grandes redes de livrarias - como a *Barnes & Noble*, por exemplo - passaram a dar um espaço muito mais destacado às histórias em quadrinhos e seus diversos produtos, dedicando várias estantes aos álbuns, minisséries, livros e graphic novels em linguagem gráfica seqüencial e dispoendo as publicações de forma organizada e facilmente acessível. Agora, quem visitar qualquer desses pontos de venda, vai talvez se admirar ao ver vários jovens sentados ao pé das estantes, folheando ou lendo álbuns e trocando entusiasticamente idéias sobre eles com seus companheiros.

Mesmo no Brasil, onde as livrarias são menores e em menor número do que nos Estados Unidos, o espaço para as histórias em quadrinhos também começa a ser garantido. Em algumas, são apenas poucas prateleiras, é certo, mas, em outras, já se pode dizer que estão próximas de se transformar em seções especializadas. Ao pensar nisso, é impossível não se lembrar dos tempos em que as histórias em quadrinhos eram proibidas nos espaços cultos, em que as crianças ou adultos que nelas se compriziam eram objeto de recriminações ou desdém e em que soava como uma heresia qualquer proposta de encarar a linguagem dos quadrinhos como algo sério. Maus tempos aqueles!

Mudaram os quadrinhos?

A que se deve isso? Que elementos levaram à migração dos produtos quadrinhísticos - ou, pelo menos, de alguns deles -, para o sacrossanto ambiente das livrarias? Mudaram os quadrinhos ou mudei eu?

A analogia à indagação machadiana não deixa de ter um certo sentido. Afinal, é uma guinada bastante significativa para uma arte que, até pouco tempo atrás, era sempre considerada subqualquer coisa por todas as áreas acadêmicas e críticas da sociedade. Assim, ainda que não tenhamos atingido o melhor dos mundos possíveis, deve-se reconhecer que nem tudo, no entanto, parece caminhar para pior. O novo mercado de distribuição pode representar uma nova realidade para os quadrinhos.

Por outro lado, é preciso ter em mente que a mudança não se deu de forma abrupta ou mesmo que ela já se encerrou. Transformações estruturais na própria sociedade, capitaneadas principalmente pelas inovações tecnológicas, levaram a uma concorrência mais acirrada entre as diversas opções de entretenimento, fazendo com que os quadrinhos perdessem a primazia como forma preferencial para o lazer de jovens e crianças; os quadrinhos deixaram de concorrer apenas com a televisão e o cinema, tendo também que se haver cada vez mais com os videogames, os RPGs, os jogos de computador, a internet, etc. Além disso, os consumidores de hoje parecem amadurecer para novos tipos de



uma obra da qual pudessem sentir orgulho; por outro, os editores, sentindo as mudanças no mercado consumidor, enxergaram a possibilidade de ampliar o seu espaço de atuação, abrindo-se à publicação de obras quadrinhísticas que pudessem atender a públicos diferentes dos tradicionais e passando a publicar trabalhos mais luxuosos, mais bem cuidados em termos gráficos, com papel e encadernação de qualidade, roteiros e desenhos esmerados e abordando temáticas atuais. Com tudo isso, a produção de quadrinhos foi objeto de uma sensível diversificação, ampliando-se a variedade de materiais disponíveis no mercado, que hoje conseguem públicos mais amplos do que anteriormente e conseguem satisfazer a objetivos que vão muito além do simples entretenimento.

Quadrinhos relevantes

Um passeio pela variedade de produtos em quadrinhos disponíveis nas livrarias brasileiras, muitos deles elaborados aqui mesmo no Brasil, pode ajudar para se atingir uma melhor compreensão da atual situação, como se verá em seguida.

Excluindo os materiais em idiomas estrangeiros, que também costumam ser disponibilizados, o que poderá o visitante de uma boa livraria brasileira ali encontrar em termos de quadrinhos? Muitos e variados produtos, sem dúvida, possibilitando atender aos mais diferentes gostos e predileções.

Os leitores que se interessam pela área de história, por exemplo, têm a possibilidade de encontrar várias obras em quadrinhos. A tradução do volume três da conceituada série de Larry Gonick, ***The cartoon History of the universe***, acaba de ser publicada no Brasil pela Editora Jaboticaba, de São Paulo, com o título ***A história do mundo em quadrinhos: a ascensão do mundo árabe e a história da África***; trata-se, sem dúvida, de uma boa escolha para iniciar a obra no Brasil, que certamente poderá ajudar a responder muitas indagações que a recente guerra do Iraque despertou em muitas pessoas.

Já os interessados especificamente pela história do Brasil dispõem de um trabalho primoroso e bem-humorado, fruto do esforço criativo de um dos maiores artistas brasileiros da atualidade, o pernambucano Lailson de Holanda Cavalcanti: publicada agora pela Editora Nacional, que a ela dispensou um cuidado editorial digno dos maiores elogios, ***Pindorama: a outra história do Brasil***, está disponível para todos aqueles que se sentem fascinados pelo tema. Talvez a obra de maior fôlego de Lailson, Pindorama representa uma abordagem inovadora da história brasileira na linguagem dos quadrinhos e certamente poderá ser muito útil não apenas àqueles que gostam de quadrinhos ou estão familiarizados com o trabalho do autor, mas também a todos aqueles que se dedicam ao ensino da história do Brasil nas escolas de primeiro e segundo grau. A esta obra - e também à de Gonick - deve se prioritariamente reservar um lugar nas bibliotecas escolares brasileiras. Os estudantes com certeza irão se sentir agradecidos por isso.





Nessa mesma linha, ou seja, na abordagem de temas polêmicos, embora não necessariamente atuais, estão situadas as duas obras do escritor Alan Moore, ambas publicadas pela Via Lettera Editora: **Do Inferno**, com desenhos de Eddie Campbell (em 4 volumes), narra de forma bem documentada e repleta de referências bibliográficas, os assassinatos perpetrados por Jack, o Estripador, e as investigações que se lhes seguiram, e **V de Vingança** (em 2 volumes) descreve um ambiente futurístico distópico em que a Inglaterra se encontra submetida a um governo ditatorial.

Por outro lado, a utilização da linguagem dos quadrinhos para adaptação de obras literárias - uma prática com a qual os admiradores mais antigos do gênero já estão largamente familiarizados devido a títulos como a famosa revista norte-americana Classics illustrated ou sua versão brasileira, Edição maravilhosa -, está também invadindo as livrarias. No final de 2002 chegou a essas lojas, em edição da Universidade Federal de Juiz de Fora, a publicação **Contos em quadros**, uma adaptação para os quadrinhos de contos de Machado de Assis, João do Rio e Antônio de Alcântara Machado (apesar de se colocar como uma obra inicial, a idéia, infelizmente, não teve continuidade até o momento). Mais recentemente, no final de 2003, a editora carioca Jorge Zahar lançou a tradução brasileira da versão quadrinizada do primeiro volume da obra de Marcel Proust, **Em busca do tempo perdido**, enfocando o episódio **No caminho de Swann: Combray**, com adaptação e desenhos do artista Stéphane Heuet. Colorida, em papel de ótima qualidade e formato agradável, a obra parece ter caído no gosto do público, pois já em março deste ano o segundo volume foi entregue às livrarias brasileiras. Além de sua qualidade intrínseca, o fator mais positivo na publicação dessas duas obras é que as editoras responsáveis por elas não são editoras de quadrinhos; pelo contrário, são empresas tradicionais que resolveram ampliar seu espectro de atuação, incluindo um título de quadrinhos em seu catálogo. Nesse sentido, representam uma ampliação do mercado produtor.

O bom e velho escapismo

No entanto, qualquer panorama que se trace sobre a invasão das histórias em quadrinhos no ambiente antes privativo dos livros ficará incompleto caso se limite apenas àqueles que trabalham o aspecto, digamos assim, mais pragmático dos quadrinhos, ou seja, sua relação com outras áreas do conhecimento. Assim, é preciso também não esquecer aqueles materiais que foram produzidos tendo em vista exclusivamente os leitores de quadrinhos que fogem às características mais comuns dos consumidores desse tipo de material e que buscam obras que se afastam da produção mainstream, tanto em termos de conteúdo como de abordagem gráfica. Sob certos aspectos, pode-se afirmar que a oferta de materiais no país para este tipo de público tem se ampliado vertiginosamente, em uma progressão aritmética que até chega a causar surpresa.

Numa listagem totalmente aleatória e certamente não exaustiva, dos títulos provenientes de autores





Colin (**Mapinguari**), Júlio Shimamoto (**Musashi**), Luiz Saidenberg (**Na trilha de Masamune**) e Pestana (**Violência histórica**), da Opera Graphica Editora; e Marcelo Gaú (**Fealdade de Fabiano Gorila**), da editora Conrad.

Os exemplos de autores estrangeiros aqui publicados para distribuição no circuito das livrarias são ainda mais extensos, dispersando-se por diversas editoras e abrangendo desde autores provenientes do ambiente de língua inglesa, que incluem, além dos já mencionados Joe Sacco e Alan Moore, também Neil Gaiman (**Sandman**), Terry Moore (**Estranhos no paraíso**), Jeff Smith (**Bone**), Paul Auster (**Cidade de vidro**), Robert Crumb (**Fritz, the cat** e **Mr. Natural**), Frank Miller (**Sin City**) e Will Eisner (**O nome do jogo, O último dia no Vietnã, No coração da tempestade**); de língua espanhola, como Ernesto Murillo e Joaquín Resano (**Zestas**), Quino (**Mafalda**) e Maitena (**Mulheres alteradas**); francesa, como Morris (**Lucky Luke**), Hergé (**Tintin**) e Uderzo e Goscinny (**Asterix**); japonesa, como Keiji Nakazawa (**Gen**), Masashi Tanaka (**Gon**), Akira Toriyama (**Mangaka**); e italiana, como Lorenzo Mattotti (**Estigmas**), Hugo Pratt (**Corto Maltese na Etiópia**) e Giancarlo Berardi/Ivo Millazzo (**Marvin, Tom's Bar, Contrastes**).

Novas estratégias

No Brasil, o ambiente das livrarias ainda é novo para os quadrinhos. Pode-se dizer que, praticamente, ainda está sendo descoberto. Estratégias que sigam além do simples lançamento e tarde de autógrafos ainda necessitam ser elaboradas pelas editoras para este espaço, permitindo que a linguagem dos quadrinhos dele obtenha o maior benefício possível. Além disso, questões ligadas ao preço dos produtos e ao próprio elitismo do circuito livreiro no país precisam também ser devidamente consideradas por todos os envolvidos, para que não se caia no equívoco de ver as livrarias como o espaço por excelência para a disseminação de quadrinhos; elas são apenas uma opção a mais, sem implicar na exclusão das outras formas de comercialização. Mas, de qualquer forma, tudo indica que elas representam um espaço em ampliação. Nesse sentido, não é excesso de otimismo esperar que o seu crescimento possa trazer consigo as necessárias adaptações, fazendo com que os quadrinhos continuem a ali permanecer durante muito tempo. E que, a partir das livrarias, outras e diversas possibilidades se abram para eles, possibilitando-lhes novos públicos, novos caminhos e novos horizontes.